

# FORAS DE SÉRIE

by Paul Glass



ALDEE



FARUS



PORSCHE



PUMA mod. ASA

## VEÍCULOS, PEÇAS E SERVIÇOS

Vendas de Peças pelo Reembolso Postal ou Varig para todo Brasil



**POWL GLASS**  
**VEÍCULOS E**  
**PEÇAS LTDA.**

Show Room: Av. Sumaré, 79  
CEP 05016  
PBX (011) **864-2033**  
S. Paulo - SP

## Opinião do Leitor

### FARÓIS MAL LOCALIZADOS

No excelente teste comparativo do Monza Classic com o Santana GLS, publicado na edição 318, creio que houve apenas uma pequena falha ou esquecimento. Refiro-me à localização dos dois faróis de milha do Monza Classic, o que, na minha opinião, os tornam antiestéticos e antiaerodinâmicos, além, naturalmente, de mais vulneráveis a quebras e a roubo. Com efeito, no primeiro Monza que tive, esses faróis de milha foram roubados três vezes, tendo a partir de então desistido de recolocá-los. Além do mais, melhor que eu, Quatro Rodas sabe que outros carros nacionais de última geração já vêm com esse acessório devidamente embutido e protegido na própria grade (Santana GLS, Opala Diplomata) ou no spoiler (Gol GT, Voyage GLS, Escort). Portanto, é inadmissível que um carro da categoria e preço do Monza Classic ainda venha com os faróis de milha pendurados como dois badulaques. — Renato S. Yassuda (Pindamonhangaba, SP).

*O leitor tem razão. Embora não seja um aspecto de importância fundamental, esquecemos de mencionar, na análise dos dois carros, que o Santana GLS, assim como os outros modelos citados, leva sobre o Monza Classic a vantagem de ter seus faróis de milha melhor protegidos, já que vêm incorporados à grade ou*



Santana: faróis de milha no lugar certo.



Enquanto no Monza, mais vulneráveis.

ao spoiler. Enquanto isso, no Monza, são apenas fixados ao spoiler, permanecendo salientes e mais sujeitos a danos. É verdade que não é uma localização tão ruim quanto a adotada nos Santana e Escort mais antigos, em que esses faróis ficavam completamente expostos. Mas, de qualquer forma, merece dos estilistas da GM uma solução mais competente.

### CARO, E AINDA DUAS COBRANÇAS?

Em trânsito pela Via Dutra, fui surpreendida por defeito mecânico em minha Caravan, com a parada completa do motor sem que fosse ouvido qualquer ruído de peça quebrada. Aflição, providenciei o guinchamento do veículo para a concessionária da fábrica da região, a Taubaté Veículos. Na ocasião, combinei com o gerente de entrar em contato comigo para qualquer eventualidade que surgisse, autorizando-o a efetuar somente o trabalho indispensável para colocar a Caravan em condições de seguir viagem. Para minha surpresa, no entanto, me foi apresentada uma conta de Cz\$ 5 675,37, referente à mão-de-obra e a uma infinidade de peças trocadas. Argumentei que deveria antes ter sido consultada, ao que me responderam que, se não saldasse a dívida, não poderia retirar o carro. Solicitei, então, as peças antigas substituídas, ao que se negaram, afirmando que "tinham ido para o lixo". Necessitando do automóvel para seguir viagem, quitei o débito através de cartão de crédito. Posteriormente, recebo em minha residência uma fatura/duplicata emitida pela Taubaté Veículos Ltda. no valor da nota fiscal quitada, para pagamento no Banco Mercantil de São Paulo. São comuns situações como essa? — Maria Leopoldina de Barros Mello (Santos, SP).

*Cópia dessa carta foi enviada à GM, que assim se manifestou: "Entramos em contato com a Taubaté Veículos Ltda., da qual obtivemos cancelamento da cobrança indevida, bem como ressarcimento para a leitora de cheque no valor de Cz\$ 228,00 cobrados a mais por ocasião do conserto. Quanto à substituição das peças, fomos informados pela concessionária de que foi necessário para deixar o veículo em perfeitas condições de funcionamento". Posteriormente procurada, a leitora confirmou as providências, embora ainda não tivesse recebido o mencionado cheque.*